

## AS RUAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ESTUDO DA CIDADE ANTIGA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A AVENIDA DAS COLUNATAS DE ANTIOQUIA\*

Gilvan Ventura da Silva\*\*

**Resumo:** *Nesse artigo temos por finalidade refletir sobre o lugar ocupado pelas ruas na agenda dos historiadores e arqueólogos, que têm se esforçado em demonstrar a importância delas quando se trata de apreender a dinâmica das cidades, tanto das antigas quanto das contemporâneas. Como estudo de caso, elegemos Antioquia, a metrópolis da província da Síria, que, na época imperial, abrigava um imponente complexo arquitetônico, cujo epicentro era a avenida das colunatas, ladeada de pórticos, que desempenhava, no cotidiano da cidade, um papel da maior relevância como ponto focal da paisagem urbana.*

**Palavras-chave:** *Império Romano; Cidade Antiga; Antioquia; Ruas; Avenida das Colunatas.*

### THE STREETS AND THEIR RELEVANCE FOR THE STUDY OF THE ANCIENT CITIES: SOME REMARKS ABOUT THE COLONNADED STREET OF ANTIOCH

**Abstract:** *In this article, we intend to reflect on the position occupied by the streets in the agenda of the historians and archaeologists, who have striven to demonstrate their importance when we try to understand the dynamic of the cities in the past as well as in the present. As case study, we have chosen Antioch, the metropolis of the Syrian province, which, in the imperial era, held an impressive architectural complex whose epicentre was the colonnaded street, sided by porticoes, which played, in the daily life, a relevant role as a focal point of the urban landscape.*

---

\* Recebido em: 02/04/2023 e aprovado em: 03/07/2023.

\*\* Professor titular de História Antiga da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Doutor em História pela Universidade de São Paulo, bolsista de produtividade 1-C do CNPq e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir). No momento, executa o projeto Migração, movimento e desordem na cidade pós-clássica: Antioquia e os efeitos da dinâmica populacional (356-397 d.C.). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4868-6596>.

**Keywords:** *Roman Empire; Ancient City; Antioch; Streets. Colonnaded Street.*

## **A polifonia das ruas**

Alan Kaiser (2011), num estudo sobre a rede viária das cidades romanas, assinala a existência de um flagrante desinteresse por parte dos classicistas acerca das ruas e suas extensões imediatas, cuja investigação costuma ser preterida em favor dos edifícios, monumentos e estradas extramuros, o que, de certo modo, não deixa de ser surpreendente, na medida em que a maioria dos espaços destinados ao uso público nas cidades greco-romanas era constituída exatamente pelas ruas e praças. Muito desse desinteresse reside de certo no caráter corriqueiro das ruas, cuja presença silenciosa e constante nos leva quase sempre a tomá-las como um pressuposto e não como um objeto a ser analisado e explicado. Em virtude do traçado amiúde retilíneo, as ruas parecem se confundir em padrões que exprimem certa monotonia. Ao mesmo tempo, como suportes básicos para o deslocamentos de pessoas, veículos e, por vezes, animais, as ruas são cruzadas a todo momento pelos transeuntes que, no decorrer de inúmeras idas e vindas, criam com elas uma familiaridade responsável por obscurecê-las, tornando-as elementos de uma paisagem que, aos olhos dos usuários, pode se afigurar contínua e permanente, cabendo à investigação histórica demonstrar o quanto a cidade, em especial suas ruas, comporta de movimento e de transformação (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 3). Se, na condição de unidades básicas do urbanismo, as ruas são facilmente assimiladas como algo dado, sem elas a própria existência da cidade estaria ameaçada, na medida em que, dentre tantos critérios que poderíamos evocar para definir uma cidade, o complexo viário é um dos mais – senão o mais – representativos (BUTCHER, 2003, p. 244). Quanto a isso, não foi por mero acaso que os antigos concederam aos agrimensores um papel decisivo na fundação dos assentamentos urbanos, pois, atuando como integrantes de uma autêntica confraria religiosa, cabia a eles fixar o plano das ruas a partir do *cardo maximus* e do *decumanus maximus*, quando então se podia afirmar que a *urbs* de fato nascera (RYKWERT, 2006, p. 55).

Em termos urbanísticos, Lynch (2006, p. 65 *et sequ.*) qualifica as ruas como *percursos* (estradas, vias de pedestres, linhas de transporte público), ao longo dos quais o usuário se desloca habitual ou casualmente enquanto

contempla a cidade. Os percursos, no entanto, não existem por si mesmos, mas se conjugam com outros elementos que conformam o espaço urbano, a saber: *margens, bairros, referências* e, principalmente, *nodos*, isto é, pontos estratégicos na direção dos quais o usuário se move e nos quais é autorizado a ingressar. Trata-se de conjunções, cruzamentos, locais de convergência do percurso, a maioria a céu aberto, que propiciam os encontros, como as praças, parques e jardins. Dessa maneira, o estudo das ruas adquire uma evidente complexidade, pois importa prestar atenção não apenas à configuração dos percursos, mas igualmente ao seu entorno, com destaque para os nodos, que mantêm com as ruas um diálogo permanente. Em geral, os percursos constituem os elementos urbanos predominantes na imagem que os grupos sociais elaboram da sua cidade, sendo de imediato qualificados em função das suas dimensões físicas, capazes de suscitar sentimentos de liberdade ou de angústia, conforme o caso. Em seguida, os percursos costumam ser lembrados por um conjunto de outros atributos não menos relevantes: a concentração de atividades específicas nas suas laterais, o que por vezes interfere na escolha do topônimo (Rua dos Alfaiates, Rua da Feira); um *design* específico ou uma decoração pouco usual (*ramblas*, bulevares, passeios à beira-mar); um tipo particular de pavimentação (rua revestida de pedras portuguesas, de cascalhos, de paralelepípedos); um sistema sofisticado de iluminação; um amálgama de odores e rumores, pois as ruas, como nenhum outro local da cidade, se prestam à difusão e interpenetração de aromas, fedores e ruídos; um tratamento paisagístico diferenciado (ruas arborizadas, ruas com canteiros centrais). São esses fatores que conferem à rua *figurabilidade*, ou seja, a capacidade de evocar, no observador, uma imagem vigorosa e inconfundível de determinado objeto físico que se destaca no contexto urbano (LYNCH, 2006, p. 31). Plena de significado e de simbolismo, a lembrança dos percursos, a memória que deles se elabora, costuma ser acompanhada por sensações que oscilam entre o prazer e o medo, de acordo com as experiências dos indivíduos que, na condição de elementos móveis, são parte indissociável das ruas.

A rua constitui uma dimensão ímpar da vida urbana, em especial nas cidades de maior porte, nas quais a diversidade de etnias, crenças, ideologias, estilos de vida, ofícios e interesses extravasa do âmbito privado na direção dos logradouros públicos, convertidos em autênticas vitrines do ecletismo cultural próprio das sociedades humanas, razão pela qual, segundo Lynch (2006, p. 23), é impossível compreender a rua de modo satisfatório sem

levar em conta as pessoas que por ela transitam com propósitos os mais variados. Na avaliação de Lefebvre (2004, p. 29), a rua é o local privilegiado do encontro, um teatro espontâneo no qual as pessoas são atores e espectadores. Na rua, processam-se as misturas e combinações mais improváveis, pois para ela convergem indivíduos das mais distintas origens e condições sociais, que repartem o espaço público de modo solidário ou a contragosto, por vezes com indiferença, mas nunca em completa discrição. Polivalente, a rua cumpre funções de natureza pedagógica, lúdica, econômica e política, dentre tantas outras. Vivendo e convivendo na rua, o indivíduo tem a possibilidade de adquirir conhecimentos aos quais dificilmente teria acesso de outra forma, ao mesmo tempo que se diverte com os múltiplos festejos, folguedos e jogos dos quais a rua é o palco privilegiado. Local por excelência do entretenimento, da descontração e da confraternização, a rua é também um lugar de trabalho, e árduo por sinal. Para muitos profissionais, a despeito do caráter lícito ou ilícito do ofício que exerçam, a rua representa a garantia da sobrevivência diária, como vemos no caso dos comerciantes, sejam os mais bem situados na profissão que, com suas lojas, detêm a capacidade de tornar célebre este ou aquele logradouro; os camelôs, que, muitas vezes ao arrepio da lei, se estabelecem por conta própria em plena via pública, dificultando o trânsito; ou os ambulantes, que em um vaivém incessante oferecem seus produtos aos transeuntes. Em virtude da sua disposição física, em geral a céu aberto, a rua e tudo o mais nela contido se oferecem sem maiores pudores ao olhar, tornando-se assim um cenário apropriado para toda as demonstrações visando a conferir visibilidade a determinada causa, convicção ou ideologia. Nesse sentido, a rua é também o lugar do protesto coletivo, das reivindicações de massa, do confronto com as autoridades constituídas, que por vezes têm de se desdobrar para conter o furor da multidão em revolta.

### **O florescimento de uma metrópole sob domínio romano**

Toda essa exuberância analítica contida nas ruas de uma cidade pode ser verificada no caso de Antioquia, uma metrópole multicultural que abrigava, sob o Império Romano, uma população em contínuo crescimento devido à migração de indivíduos provenientes da *khora* ou mesmo de outras regiões da Síria-Palestina e Ásia Menor, que a ela se dirigiam em busca de melhores condições de vida (SALIOU, 2000, p. 809). Antioquia apresentava-se

assim como uma cidade vibrante que nutria um entusiasmo particular pelos festivais, jogos e espetáculos, com destaque para a festa das Calendas de Janeiro, com duração de três dias, e para o festival da Maiuma, em louvor a Dioniso e Afrodite, celebrado a cada três anos por um período de trinta dias.<sup>1</sup> Essa exuberância festiva de Antioquia, que se traduzia numa rede de relações de sociabilidade bastante intensa capaz de congregar, pelas ruas da cidade, conhecidos e desconhecidos, estrangeiros e residentes, cristãos, pagãos e judeus derivava de uma longa tradição segundo a qual a vida, na cidade, costumava adquirir uma dimensão pública que muitas vezes se sobrepunha à dimensão privada. No Império Romano, a distinção entre público e privado não se pautava, em absoluto, pela clivagem cartesiana que hoje estabelecemos – ou tentamos estabelecer – entre assuntos de foro íntimo e assuntos de interesse coletivo. Muito embora o léxico registre uma distinção entre a *res publica/politeia*, a arena da comunidade cívica, e a *domus/oikos*, a esfera doméstica, estes dois setores frequentemente se sobrepunham, de maneira que as residências, em especial as da aristocracia, não raro desempenhavam funções de natureza política, ao passo que assuntos a princípio de interesse tão somente familiar poderiam de um momento para o outro se tornar objeto de apreciação pública (WINTERLING, 2009).

Sob essa perspectiva, Antioquia, no decorrer de toda a sua história, conservou a ênfase na dimensão pública, coletiva da existência. Seu plano urbanístico, caracterizado por um percurso amplo e monumental (a avenida das colunatas, repleta de pórticos) e nodos adjacentes (ágora de Epifânia e Fórum de Valente) potencializava, acentuava e favorecia a capacidade de integração entre os habitantes da cidade, que se reuniam para negociar, conversar, divertir-se e manifestar seu desagrado diante dos rumos da política imperial, o que dava margem a sedições periódicas. A conversão de Antioquia numa cidade cuja arquitetura monumental propiciava o encontro dos habitantes pelas ruas, avenidas e praças é um acontecimento próprio da época imperial, quando a antiga capital do reino dos Selêucida é anexada pelos romanos em decorrência da campanha de Pompeu contra Mitridates, rei do Ponto, entre 67 e 61 a.C. Pompeu, ao se instalar em Antioquia, confere à cidade o estatuto de *libera ciuitas* e a promove à condição de *metropolis*, ou seja, de capital de província, autorizando sua *boulé* a emitir moedas de bronze, indicativo da autonomia administrativa municipal (DOWNEY, 1961, p. 145). Com os romanos, a cidade, erguida conforme os padrões da arquitetura helenística, passa por intensas transformações que se des-

dobram em três fases. Na primeira delas, de 64 a.C. a 212 d.C., Roma interfere no centro urbano, introduzindo diversas inovações arquitetônicas, como o *Kaisarion*, a Basílica de César que, no século IV, foi demolida para a construção do Fórum de Valente; o anfiteatro, erigido no antigo bairro judeu, próximo a Epifânia; aquedutos e templos a divindades romanas, com destaque para o de Júpiter Capitolino. Remonta a esse período a construção da avenida das colunatas, que logo se torna um marco na paisagem citadina, conforme veremos mais adiante.

A segunda fase é aquela da cidade pós-clássica, que se inicia em fins do século III e compreende os séculos IV e V, quando os cristãos, no seu empenho em obter o controle sobre o território cívico, começam a dotá-lo de elementos arquitetônicos associados à crença que professam, alguns deles exuberantes, a exemplo do *Dominicum Aureum* de Constantino e Constâncio II e do *martyrion* cruciforme de Babilas. Construído em fins do século IV por Melécio, na região do Campo de Marte, o *martyrion* foi inaugurado pelo sucessor do bispo, Flaviano (SOLER, 2006, p. 202), mas sem que tenhamos ainda, nesse momento, a cristianização plena da cidade, a despeito dos arroubos triunfalistas de João Crisóstomo e dos cronistas eclesíasticos posteriores (Sócrates, Sozomeno, Teodoro), pois sabemos que as tradições pagãs e judaicas, em Antioquia, permaneciam bastante ativas na época tardia. Data também do século IV uma extensa intervenção imperial nas imediações do cruzamento da avenida das colunatas que conduzia ao palácio do Orontes, local escolhido para abrigar o Fórum de Valente, cujo programa urbanístico foi tomado de empréstimo ao Fórum de Trajano, em Roma. Repleto de novos edifícios e monumentos (arcos, estátuas), o Fórum contribuiu para tornar a região vizinha à ágora de Epifânia e ao *nymphaeum* ainda mais dinâmica (SILVA, 2020).

Já em sua fase final, da segunda metade do século V até a conquista árabe, no início do século VII, Antioquia adquire um matiz cristão cada vez mais evidente, com o colapso dos edifícios e monumentos associados à tradição clássica e o abandono progressivo do traçado urbano herdado das épocas helenística e romana, em parte devido à sucessão de terremotos que devastam a cidade e às contínuas investidas dos Sassânidas, que em 540 não apenas invadem, mas incendeiam Antioquia (MAAS, 2001, p. 20-21). Pouco a pouco a antiga metrópole síria vai caindo no esquecimento, sendo soterrada pelas sucessivas ocupações do sítio até que, em 1931, o interesse dos arqueólogos pela cidade é despertado, conduzindo assim, em 1932, à formação do

Comitê para as Escavações de Antioquia e Arredores, que contava a princípio com representantes do Louvre, do *Baltimore Museum of Art* e do *Worcester Art Museum* sob a liderança dos pesquisadores de Princeton. Em 1936, representantes do *Fogg Art Museum*, de Harvard, se uniram à expedição, que prosseguiu até 1939, quando a instabilidade política da região, no limiar da Segunda Guerra Mundial, determinou a suspensão das escavações, que não foram mais retomadas (KONDOLEON, 2001, p. 5).

### **A monumentalização de uma antiga rota de caravanas**

A criação de Antioquia, uma das mais importantes cidades do Mundo Antigo, remonta a 300 a.C., quando Seleuco I, cognominado Nicátor, isto é, “Vencedor”, um dos generais de Alexandre, decidiu transferir os habitantes de Antigônia, cidade fundada, em 307/306 a.C., por Antígono Monoftalmo nas imediações do Lago de Amuk, para um novo sítio às margens do Orontes.<sup>1</sup> A fundação de Antioquia ocorre ao mesmo tempo em que a de Selêucia Pieria, uma *pólis* litorânea destinada, mais tarde, a se tornar a principal via de acesso dos antioquenos ao mar. Na avaliação de Downey (1961, p. 71), apoiando-se para tanto num argumento formulado por Wycherley (1949, p. 35), Antioquia talvez constitua um exemplo típico da “produção em massa de novas cidades helenísticas que ocorreu sob Alexandre e seus sucessores”. No entanto, ao que tudo indica a criação simultânea de Antioquia e Selêucia Pieria, duas cidades vizinhas, parece exprimir o desejo de Seleuco em facilitar a conexão da *hinterland* da Síria e Ásia Menor com a costa leste do Mediterrâneo. Erguida devido a exigências de natureza estratégica ou com a finalidade de celebrar o poderio dos Selêucida num contexto em que os diádocos costumavam se apresentar como generosos evergetas, expandindo por todo o Oriente a malha urbana, o fato é que Antioquia estava destinada a assumir uma posição de destaque, eclipsando Selêucia Pieria que, de início, havia sido projetada como capital do reino selêucida.

De fato, ao longo dos anos Antioquia experimentou acréscimos sucessivos, a ponto de os autores antigos referirem-se a ela como uma *tetrapólis*, ou seja, uma *pólis* que abrigava em si mesma, quatro núcleos distintos de povoamento.<sup>2</sup> Um dos fatores que contribuíram para o protagonismo da cidade reside, sem dúvida, na sua localização privilegiada, pois o plano topográfico seguia a disposição de uma antiga rota de caravanas que, orien-

tada no sentido Nordeste X Sudoeste, partia das imediações de Bereia, no norte da Síria, em direção a Laodiceia, no litoral mediterrâneo. Por essa razão, o plano de Antioquia, em lugar de obedecer aos pontos cardeais, como seria de se esperar, acompanhava antes os pontos colaterais. Na opinião de Lassus (1972, p. 140), foi o desejo de controlar esta rota que teria levado Seleuco a fundar Antioquia, muito embora, num primeiro momento, a rota não tivesse sido incorporada ao território cívico. No entanto, quando da criação do bairro de Epifânia por Antíoco IV (175-163 a.C.), a rota passa a integrar, em definitivo, o perímetro urbano, convertendo-se na espinha dorsal da cartografia da cidade, como comprovam as obras de pavimentação e monumentalização destinadas a criar um dos mais esplêndidos conjuntos arquitetônicos de toda a Antiguidade: a avenida das colunatas, uma ampla rua ladeada de pórticos suntuosos que constituía o epicentro das principais atividades econômicas, administrativas, lúdicas e religiosas. Nesse sentido, qualquer investigação sobre o território de Antioquia deve levar em conta, obrigatoriamente, o traçado da avenida das colunatas, que, em pleno século XX, ainda subsistia como um marco na paisagem.

A avenida das colunatas, denominada *platea* ou por vezes *stoá*, sem dúvida numa alusão aos pórticos que cercavam as ágoras gregas, era um padrão arquitetônico comum às *póleis* helenísticas da Ásia Menor e da Síria. No entanto, na época imperial, os romanos cuidaram de expandi-lo para cidades como Éfeso, Palmira, Niceia, Hierápolis, Mileto e Gerasa, quando então os arquitetos passaram a investir na construção de eixos monumentais visando a facilitar a conexão entre os principais pontos religiosos e administrativos da cidade (GROS, 1996, p. 104). A inspiração para o *design* da *platea*, tal como a vemos difundida sob o Império, pode talvez ser encontrada na Via Canópica de Alexandria que, estendendo-se em linha reta de uma extremidade à outra da cidade, facilitava o deslocamento e dava acesso rápido aos principais edifícios (HAAS, 1997, p. 29). Não devemos ignorar, todavia, que o traçado retilíneo da avenida das colunatas se adequava bastante bem à predileção dos romanos pelas linhas regulares e por arranjos espaciais que impulsionassem as pessoas para frente, sem desvios laterais (SENNET, 2006, p. 101). No passado, supunha-se que a avenida das colunatas de Antioquia fosse o caso mais antigo de construções desse tipo, mas escavações no portão norte de Apameia trouxeram à luz vestígios de colunas dos séculos II-I a.C., sugerindo que algumas cidades já haviam começado a experimentar esse padrão arquitetônico ainda sob os Selêucida (BUTCHER, 2003, p. 247).

Como dissemos, em Antioquia, a avenida das colunatas foi, no início, uma extensa rota comercial que conduzia das regiões setentrionais da Síria ao litoral do Mediterrâneo, tendo permanecido fora do perímetro urbano até a expansão da cidade promovida por Antíoco IV Epifânio (177-163 a.C.), que não apenas construiu o bairro de Epifânia, nas imediações do Monte Síprios, como também deu início à obra de instalação da rua propriamente dita, quando a seção da rota entre o Portão de Bereia e o Portão de Dafne foi pavimentada e dotada de calçadas (KONDOLEON, 2001, p. 9; LASSUS, 1972, p. 143). Mais tarde, na fase de dominação romana, um conjunto de transformações para as quais não dispomos de uma cronologia precisa vai aos poucos dando forma ao complexo arquitetônico, de modo que a avenida passa a contar não apenas com o eixo Nordeste-Sudoeste, mas com outro Leste-Oeste que, partindo das imediações do *nymphaeum*, a fonte principal da cidade, se prolonga até a ilha formada pelo Orontes, a região da Cidade Nova (**Fig. 1**). No início do Principado, Herodes e Agripa teriam ampliado a avenida, restaurado a pavimentação do solo e iniciado a construção das colunatas e dos pórticos, obra complementada por Tibério. Em homenagem ao imperador, que concluiu a reforma, os cidadãos de Antioquia lhe dedicaram uma estátua de bronze erguida no alto de uma coluna (CABOURET, 1999, p. 136). No entanto, como assinala Lassus (1972, p. 143), responsável pela escavação da avenida, as arquivadas dos pórticos seriam de madeira. Por essa época, a avenida das colunatas, embora constituísse a principal artéria de Antioquia, não era ainda o conjunto majestoso que Libânio descreve no seu *Antiochikos*. Na realidade, a monumentalização da avenida é, em parte, resultado do terremoto de 115, que destruiu as primeiras instalações de Herodes e Tibério. Trajano, testemunha ocular do incidente, no qual por pouco não perdeu a vida, determinou a reconstrução integral do conjunto. Os trabalhos, iniciados em 116, somente foram finalizados após 138, sob o governo de Antonino Pio (LASSUS, 1972, p. 145). Desde então, a avenida permaneceu inalterada em sua arquitetura até os terremotos de 526 e 528, que a danificaram de modo irreversível.

Na ocasião da reforma de Trajano, a avenida foi ampliada tanto em largura quanto em extensão, recebendo novas colunas confeccionadas em granito cinza e vermelho, dispostas de modo alternado nas laterais. A avenida passou a contar então com 9 m de largura, o que constituía uma exceção, pois, no Império Romano, as ruas, por serem projetadas visando ao trânsito de pedestres e não de veículos, possuíam amíde dimensões mais

modestas (entre 4 e 6 m, cf. KAISER, 2011, p. 50). Os pórticos mediam também cerca de 9 m do limite da rua à fachada das lojas. A distância entre as colunas era de aproximadamente 5 m. O diâmetro das colunas girava em torno de 60 cm e a altura em torno de 6,5 m, menores, portanto, que as de Apameia e Palmira (LASSUS, 1977, p. 70). A extensão total da avenida deveria ser de 3,5 km, com 700 colunas de cada lado (LASSUS, 1972, p. 146). Infelizmente, não foi possível recuperar, nas escavações, nenhuma base de coluna ou capitel, mas tão somente fragmentos. Os vãos entre as colunas formavam pórticos cobertos cujas arquitraves eram de pedra e não mais de madeira, como no tempo de Tibério.

Além de servir de abrigo contra o mau tempo, os pórticos cumpriam outras tantas funções. Eles, por exemplo, davam suporte à passagem de canalizações destinadas a alimentar as fontes públicas e a abastecer as casas, peculiaridade que surpreendeu os escavadores. Os pórticos também funcionavam como preâmbulos para a entrada dos edifícios públicos – termas, templos, basílicas – e mesmo de residências privadas, criando assim uma fachada que valorizava a construção. Na condição de pontos fixos, orientavam o deslocamento pelas ruas laterais. Como zonas de transição, demarcavam a passagem entre uma rua e outra e a entrada dos edifícios. Os pórticos se distinguiam ainda como sede de uma atividade comercial intensa, pois, nas paredes de fundo, eram instaladas lojas que, a julgar pela robustez das fundações, deveriam comportar um pavimento superior com janelas, aos quais se acedia por escadas construídas em intervalos. De frente para a rua e entre as colunas, podiam-se ver *stands* de venda de produtos e oficinas artesanais cujos proprietários, com a intenção de expandir os negócios, não hesitavam em se lançar sobre a própria rua, prejudicando a mobilidade dos transeuntes (MARTIN, 1959, p. 57). Essas construções, erguidas em caráter precário e cobertas com palha, serviam ao mesmo tempo como local de produção e comercialização de produtos – uma vez que, conforme regra geral na Antiguidade, os artesãos eles mesmos costumavam vender os artigos que fabricavam – e como residência para os trabalhadores. Ao que tudo indica, a disputa por uma vaga para comercializar nos pórticos era bastante acirrada em virtude da posição central da avenida, sempre repleta de clientes. Nessas circunstâncias, Antioquia padecia com todos os inconvenientes que o exercício do artesanato e do comércio no recinto urbano acarretava: odores desagradáveis, vapores, fumaça, interdição do trânsito e perigo de incêndio, pois muitas das *tabernae* estocavam produtos inflamáveis.

veis (MOREL, 1997, p. 153). As autoridades municipais controlavam com dificuldade esse movimento desordenado de ocupação das vias públicas, ao passo que os pequenos comerciantes, muitos deles paupérrimos, eram vítimas frequentes de abusos e extorsões por parte dos funcionários imperiais (LIEBESCHUETZ, 1972, p. 146).

Digno de nota é o papel que a avenida das colunatas desempenhava no reforço das relações de sociabilidade entre os antioquenos. Em primeiro lugar, por possuírem cobertura, as colunatas ofereciam uma proteção permanente contra as intempéries, permitindo assim que os moradores das casas vizinhas não ficassem confinados durante o inverno ou na estação chuvosa. Além de defender a população de Antioquia contra os rigores do clima, as colunatas constituíam o centro lúdico e administrativo da cidade, abrigando, em suas imediações, o teatro de Dioniso, o *bouleterion*, o *praetorium* do *Comes Orientis* e o do *consularis Syriae*, os banhos públicos (DOWNEY, 1961, p. 624-625). A avenida poderia assim ser descrita como o “coração” da cidade, ponto focal de todas as modalidades de interação urbana, que se irradiavam pelo território circundante. Palco de comemorações e de manifestações políticas, a avenida das colunatas era um importante centro profissional. Um fator que reforçava ainda mais a capacidade da avenida em congregar os habitantes de Antioquia e estimular o convívio era o sistema público de iluminação, controlado pelo governador da província por intermédio dos *epimeletae*, funcionários encarregados de arrecadar o combustível entre os artesãos e comerciantes que atuavam nos pórticos. Por conta disso, a avenida, os pórticos e a ágora de Epifânia permaneciam repletas o dia inteiro. Ao anoitecer, os artesãos e vendedores não se recolhiam, mas continuavam com os seus afazeres, razão pela qual Antioquia era capaz de oferecer aos viajantes uma acolhida segura a qualquer hora, recebendo durante toda a noite os peregrinos que chegavam em busca de banho, alimento e repouso. A existência de um eficiente sistema de iluminação conferia, portanto, segurança à população no período noturno, quando a circulação de pessoas, mesmo nas zonas centrais, não era livre de perigo. Nesse aspecto, Antioquia exibia um agudo contraste com outras cidades do Império, incluindo Roma, famosa pela escuridão de suas ruas (MARTIN, 1959, p. 60). Essa indistinção entre o dia e a noite seria mais uma das condições favoráveis ao intercâmbio social, estimulando os antioquenos a deixar as suas residências a qualquer hora para caminhar por entre as mercadorias expostas nos pórticos ou entabular uma animada con-

versação nas ruas e praças. Antioquia, na época imperial, revelava-se assim uma cidade na qual o plano urbanístico conferia aos habitantes intensa sinergia, incentivando-os a manter uns com os outros contatos frequentes, o que nos permite supor um cenário de contínua troca de experiências e de informações, um traço da cidade celebrado por Libânio (*Or.* XI, 213-217), em seu panegírico de 356.

Além de estimular as relações de sociabilidade, a avenida das colunatas poderia também, em determinadas circunstâncias, abrigar manifestações de caráter violento, como vemos ocorrer em 387, no episódio conhecido como Levante das Estátuas. Segundo a cronologia proposta por Pavard (1991, p. 27), o levante irrompeu em 25 ou 26 de fevereiro, estendendo-se até finais de abril. Seu estopim foi um decreto do *consularis Syriae* anunciando a imposição de uma nova e exorbitante taxa destinada a financiar as *decennalia* de Teodósio, no ano seguinte (KELLY, 1995, p. 73). O imposto atingiria, ao que tudo leva a crer, todos os estratos sociais indistintamente, embora não tenhamos condições de precisar sua natureza. Reunida no *dikasterion* para ouvir o anúncio da nova taxa, a população logo se mobiliza contra a medida. Insuflada pela claque do teatro, um contingente de espectadores pagos para aplaudir os atores e dançarinos cuja atuação, em Antioquia, era amiúde explosiva (BROWNING, 1952, p. 16), a multidão ocupa a avenida das colunatas, o fórum de Valente e a ágora de Epifânia na tentativa de reverter a medida. Exasperados, os populares atacam a residência do governador, acuando seus moradores e serviçais. Em seguida, voltam-se contra as termas próximas, destruindo as lamparinas do edifício. Para culminar, avançam sobre as estátuas e imagens imperiais, depredando os painéis de madeira que portavam as efígies de Teodósio e seus familiares e arrastando pelas ruas as estátuas de bronze do imperador, de seus filhos, Arcádio e Honório, e de sua esposa Flacila, já falecida, numa ação considerada ao mesmo tempo criminosa e sacrílega. Quando a multidão ateava fogo à casa de um iminente cidadão, arqueiros agindo como policiais conseguem dispersar os revoltosos e extinguir o incêndio. Contida a revolta, o *comes Orientis* assume o caso, detendo alguns sob a acusação de incêndio criminoso e enviando notícias à corte imperial, em Constantinopla. Aqueles identificados como ativos no levante foram sumariamente executados, incluindo crianças. Membros da *boulé*, por sua vez, foram encarcerados à espera do andamento do processo. A cidade, tomada de angústia, aguardava o veredito do imperador (BRÄNDLE, 2003, p. 55 e ss.). Mediante a intervenção providencial de Flaviano, bispo de

Antioquia, e dos enviados imperiais, Cesário e Helébico, Teodósio decide não punir a cidade, o que provoca intensas comemorações, com a multidão voltando às ruas, mas desta vez para celebrar com canto, dança e lanternas. A despeito da gravidade da situação – ou exatamente por conta dela – os antioquenos são fustigados com duras críticas por João Crisóstomo que, na sua série de homilias sobre o Levante das Estátuas, aproveita a oportunidade para censurar a população por sua indisciplina, exortando-a a tomar o episódio como lição para que abandone a *tryphé* das ruas e se recolha às igrejas em oração.<sup>3</sup>

### Considerações finais

Como procuramos demonstrar no decorrer deste artigo, a avenida das colunatas de Antioquia, mesmo na sua fase pré e proto-urbana, quando ainda não existia ou, melhor dizendo, quando existia apenas na condição de uma rota comercial e militar, sempre constituiu o principal marcador da paisagem, poderoso o suficiente para orientar o traçado da cidade desde a sua fundação. Na época imperial, a avenida emerge em todo o seu esplendor, num contexto em que a arquitetura romana se unia à helenística para promover a reforma arquitetônica das *póleis* da Ásia Menor e da Síria-Palestina consoante o discurso de afirmação do *dominium mundi* romano característico do Principado, quando então Herodes refaz a pavimentação original da avenida e Tibério inaugura os primeiros pórticos, ainda com arquitraves de madeira. Mais tarde, pelas mãos de Trajano e Antonino Pio, a avenida recebe a sua forma definitiva, convertendo-se assim não apenas no epicentro da vida urbana, mas num autêntico emblema cívico, um componente indispensável do estilo de vida da *pólis*, como nos dá testemunho Libânio. O protagonismo da avenida das colunatas nos obriga, pois, a refletir sobre o quanto podemos aprender acerca do cotidiano de uma cidade por intermédio da investigação das ruas, que abrigam uma parcela substancial das atividades econômicas, políticas, lúdicas e religiosas. Em Antioquia, a avenida das colunatas e o seu entorno favoreciam a aglomeração e a socialização das pessoas que, atraídas pelas comodidades do lugar, para lá se dirigiam dia e noite com os mais variados propósitos, revelando-nos assim o quanto o espaço – e, no caso, a rede viária – é um componente indispensável para o desenrolar dos processos sociais.

Figura 1



11. RESTORED PLAN OF ANTIOCH BASED ON THE LITERARY TEXTS AND THE EXCAVATIONS. This plan shows monuments and topographical features that actually exist or can be traced on the terrain, and indicates the principal buildings and topographical data known from literary texts and from the excavations. It

does not include buildings of uncertain location known from literary texts. The drawing is based on the restored plan prepared by D. N. Wilber and published by C. R. Morcy, *The Mosaics of Antioch* (New York and London, Longmans Green, 1938), p. 17.

Mapa de Antioquia. Fonte: Downey, 1961.

### **Documentação escrita**

LIBANIUS. The Antiochikos: in praise of Antioch. In: \_\_\_\_\_. *Antioch as a centre of Hellenic culture*. Trad. A. F. Norman. Liverpool: Liverpool University Press, 2000, p. 4-65.

### **Cultura material**

LASSUS, J. *Antioch-on-the-Orontes: les portiques d'Antioche*. Princeton: Princeton University Press, 1972. v. 5.

### **Referências bibliográficas**

BRÄNDLE, Rudolf. *Jean Chrysostome: 'Saint Jean Bouche d'Or' (349-407): christianisme et politique au IVe siècle*. Paris: Du Cerf, 2003.

BROWNING, Robert. The role of the theatrical claques in the Later Roman Empire. *Journal of Roman Studies*, Cambridge, n. 42, p. 13-20, 1952.

BUTCHER, Kevin. *Roman Syria and the Near East*. Los Angeles: Getty Publications, 2003.

CABOURET, Bernadette. Sous les portiques d'Antioche. *Syria*, t. 76, p. 127-150, 1999.

DOWNEY, Glanville. *A history of Antioch in Syria*. Princeton: Princeton University Press, 1961.

GROS, Pierre. *L'architecture romaine*. Paris: Picard, 1996.

HAAS, Cristopher. *Alexandria in Late Antiquity: topography of social conflict*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.

KAISER, Alan. *Roman urban street networks*. London: Routledge, 2011.

KELLY, John Norman Davidson. *Golden Mouth: the story of John Chrysostom, ascetic, preacher, bishop*. London: Duckworth, 1995.

KONDOLEON, Christine. (ed.). *Antioch: the lost city*. Worcester: Princeton University Press, 2001, p. 3-11.

LASSUS, Jean. La ville d'Antioche à l'époque romaine d'après l'archéologie. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Berlin, II, p. 54-102, 1977.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

LIEBESCHUETZ, John Hugo Wolfgang Gideon. *Antioch: city and imperial administration in the Later Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 1972.

- LYNCH, Kevin. *L'immagine della città*. Venezia: Marsilio, 2006.
- MAAS, Michael. People and identity in Roman Antioch. In: KONDOLEON, C. (ed.). *Antioch: the lost city*. Worcester: Princeton University Press, 2001, p. 13-21.
- MARTIN, Roland. Commentaire archéologique de l'*Antiochikos*. In: FESTUGIÈRE, A. J. *Antioche païenne et chrétienne*. Paris: E. de Boccard, 1959, p. 38-61.
- MOREL, Jean-Pierre. Métiers, rues et sociabilités dans le monde romain. In: LEMÉNOREL, Alain. (ed.) *La rue, lieu de sociabilité ?* Rouen: Université de Rouen, 1997, p. 149-159.
- PAVERD, Frans van de. *Saint John Chrysostom, the 'Homilies on the Statues': an introduction*. Roma: Pont. Inst. Studiorum Orientalium, 1991.
- REDFORD, Scott. *Antioch on the Orontes: early explorations in the city of mosaics*. Istanbul: Koç Üniversitesi, 2014.
- ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- RYKWERT, Joseph. *A ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SALIOU, Catherine. Mesurer le paradis: contribution au portrait d'Antioche aux époques romaine et protobyzantine. In: NICOLET, Claude.; ILBERT, Robert.; DEPAULE, Jean Charles. (dir.). *Mégapoles méditerranéennes: géographie urbaine rétrospective*. Paris: École Française de Rome, 2000, p. 802-819.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA, Érica. *Conflito político-cultural na Antiguidade Tardia: o Levante das Estátuas em Antioquia de Orontes (387 d.C.)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012.
- SILVA, G. V. A cidade, o imperador e os sentidos da memória: o governo de Valente em Antioquia (371-378). *História (São Paulo)*, São Paulo, v. 39, p. 1-19, 2020.
- SILVA, Gilvan. Espaço, cotidiano e sociabilidade em Antioquia: uma leitura do *Antiochikos* de Libânio. In: CERQUEIRA, Fábio et al. (org.). *Saberes e poderes no Mundo Antigo: dos saberes*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 257-274.
- SOLER, Emmanuel. *Le sacré et le salut à Antioche au IV<sup>e</sup> siècle après J.-C.: pratiques festives et comportements religieux dans le processus de christianisation de la cité*. Beyrouth: Institut Français du Proche-Orient, 2006.

UGGERI, Giovanni. Antiochia sull'Oronte: profilo storico e urbanistico. In: PADOVESE, Luigi. (Ed.). *Paolo di Tarso: Archeologia, storia, ricezione*. Cantalupa: Effatà, 2009, p. 87-127.

WINTERLING, Aloys. *Politics and society in imperial Rome*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

WYCHERLEY, Richard Ernest. *How the Greeks built cities?* London: MacMillan, 1949.

### **Notas**

---

<sup>1</sup> Uma antiga tradição situava a Maiuma em maio, mas pesquisas recentes assinalam outubro como o mês mais provável da festa (SOLER, 2006, p. 10).

<sup>2</sup> Antígono, derrotado na batalha de Ipso, foi obrigado a repartir suas possessões no Oriente entre Lisímaco e Seleuco, tendo este último se apoderado da Síria e da Mesopotâmia (DOWNEY, 1961, p. 61)

<sup>3</sup> Após a fundação de Antioquia, Seleuco I ou seu filho, Antíoco Sóter, estabeleceu outro assentamento, contíguo ao primeiro. Já Seleuco II Calínico (246-226 a.C.) teria lançado as bases da assim denominada Cidade Nova, na ilha formada pelo Orontes, cabendo a Antíoco III, o Grande (223-187 a.C.), concluir a obra, quando então Antioquia se torna a principal metrópole do reino selêucida. Antíoco IV Epifânio (175-163 a.C.), por sua vez, é o responsável pela criação de uma quarta "cidade", nas imediações do Monte Sílios, à qual atribui o nome de Epifânia (UGGERI, 2009, p. 93).

<sup>4</sup> A literatura arqueológica designa como pórtico todo vão aberto delimitado por colunas, em geral coberto, cuja profundidade seja superior à largura. O muro que o enquadrava ao fundo poderia ser cego ou receber entradas, janelas e portas que davam acesso a locais situados atrás do pórtico (GROS, 1996, p. 96).

<sup>5</sup> Segundo Cabouret (1999, p. 144), os pórticos, elementos arquitetônicos moduláveis, eram a principal evidência de uma concepção aberta de cidade, de um ideal de mobilidade urbana que pressupunha uma porosidade contínua entre as diversas seções nas quais se repartia o espaço cívico.

<sup>6</sup> Informações complementares sobre como o ambiente construído de Antioquia favorecia as relações de sociabilidade entre os habitantes da *pólis* podem ser encontradas em Silva (2013).

<sup>7</sup> Para mais detalhes sobre o Levante das Estátuas, consultar Silva (2012).